

Resenha de *Os Nomes-do-Pai*

Maria Célia Delgado de Carvalho

Introdução

As observações desta resenha baseiam-se em duas versões da aula de Jacques Lacan em 20 de novembro de 1963 na capela do Hospital de Saint-Anne, Paris, França. A primeira foi publicada como *Nomes-do-Pai* em 2005 pela editora Zahar, e a segunda, uma publicação bilíngue em francês e português para circulação interna no Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, localizável no *site* www.traco-freudiano.org. As referências textuais serão citadas como Lacan (2005) para a primeira versão e como Lacan (1963) para a segunda.

Em 20 de novembro de 1963, Lacan ministra a última aula na capela do Hospital de Saint-Anne, após tomar conhecimento de que na véspera havia sido riscado da lista dos didatas da Sociedade Francesa de Psicanálise. Não é à toa que chamou seu processo de saída dessa sociedade de excomunhão! Obviamente, isso não aconteceu de uma hora para outra. Vinha acontecendo desde 1959, na ocasião do 21º Congresso Internacional de Copenhague, quando essa instituição fizera o pedido de ser filiada à Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Desde então, tramitavam negociações que impunham condições e restrições às práticas clínicas e ao polêmico ensino de Lacan.

Na aula de abertura do seminário que daria sequência a seu *Seminário 10: a angústia*, ocorrido em 1962-1963, ele já informa aos participantes que não prosseguirá com o que havia planejado, advertindo-os de que não fará disso nenhuma “encenação”, mas faz questão de dizer que o faz por respeito aos que acompanhavam seu ensino. Declara ter sido surpreendido pela notícia de que não poderia seguir com seus seminários, sendo essa sua última apresentação nesse espaço. O tema desse próximo seminário seria os *Nomes-do-Pai*, que Lacan aborda nessa primeira e última aula e que só vai retomar em 1973-1974 sob o título homônimo de *Os não-tolos erram* (Lacan, 1973-1974).

O caminho que havia traçado para justificar a pluralidade dos *Nomes-do-Pai* em 1963 não mais será percorrido. Indica que seu plano para esse ensino passaria pelo *Seminário 4 (A relação de objeto)* e pelo *Seminário 5 (As formações do inconsciente)*, com a noção de metáfora paterna; pelo *Seminário 9 (A identificação)*, no qual trabalhou a função do nome próprio; e pelo *Seminário 8 (A transferência)*, em que analisou o drama do pai por via da trilogia claudeliana dos Coûfontaine, que apresenta três versões do pai: *O refém*, *O pão-duro* e *o Pai humilhado*.

Desenvolvimento

Na sequência, recorda os avanços realizados sobre a angústia como um afeto do sujeito que fala, determinado em um efeito do significante. Sua primeira articulação sobre a angústia a tomava como o afeto presente no momento em que o sujeito se vê afetado pela presença do desejo do Outro e, com isso, é remetido à constatação de que há um significante que falta ao Outro, e essa falta, por conseguinte, causa desejo. Esse efeito não dialetizável da angústia leva Lacan a afirmá-la como o afeto que não engana, retomando de Freud sua função de sinal. No correr do seminário sobre a angústia, encaminhará as articulações referentes ao objeto *a*, causa de desejo, e chegará à formulação da angústia como presença da falta, remetendo à presença desse objeto que se encontra no lugar do vazio estrutural do sujeito.

Para além de Freud, que via a angústia como consequência do recalçamento, Lacan a reconhece na base do que faz o sujeito buscar a resposta do recalçamento, da expulsão ou da recusa como defesa ao insuportável do real. Nesse sentido, alinha-se à concepção da angústia em Kierkegaard (2010) como um afeto fundamental que está presente na base da condição humana, ligado à vulnerabilidade do humano diante da ameaça de fracasso, sofrimento ou morte. Em Kierkegaard, a resposta do sujeito à angústia induz ao pecado, enquanto em Lacan indica a base da estruturação do sujeito.

A retomada da angústia que faz nessa aula torna-se imprescindível, pois Lacan concebe os Nomes-do-Pai como o caminho que o sujeito encontra para lidar com a angústia primordial.

Concebida como não sem objeto, a angústia é tomada como basal, um Aleph dando início à cadeia desejanse do sujeito.

Lacan acrescenta a isso os avanços sobre o objeto *a*, causa de desejo que introduzira no seminário sobre a angústia em suas versões que serão amplamente abordadas no *Seminário 11*, sobre os conceitos fundamentais da psicanálise.

A partir desse Aleph da angústia, a função do objeto *a* na fantasia aparece como sustentáculo da cadeia significante do sujeito, já que “é por essa cadeia que se afirma uma vez mais sua dependência do desejo do Outro, do desejo” (Lacan, 1963, p. 4).

A estrutura da relação da angústia com o desejo apresenta uma dupla hiância “do sujeito ao objeto caído dele, em que, para além da angústia, deve encontrar seu instrumento, a função inicial desse objeto perdido sobre o qual Freud insiste” (Lacan, 1963, p. 6).

Recorda sua concepção de sujeito, que nada tem a ver com o *Nous* grego, relacionado com o intelecto, a mente ou a razão, no qual se apoiam o positivismo e “a ciência chamada psicológica”. Afirma que essa concepção embasa o que chama

de “psicologia de cartomantes, mesmo das alturas das cátedras universitárias” (Lacan, 1963, p. 5). Denuncia o efeito de obscurantismo da empreitada tecnocrata da “medição psicológica de sujeitos que buscam empregos submetidos à avaliação do psicólogo nos quadros da sociedade existente” (Lacan, 1963, p. 5).

Evoca a radical oposição que Freud representa a essa vertente. Declara que, nos primeiros passos de seu ensino, ele, Lacan, apoiou-se na lógica hegeliana, que o auxiliou a demonstrar o déficit intrínseco à lógica da predicação, em que o universal funda-se na agregação, ao passo que o particular aparece como contingente. “Toda a dialética hegeliana é feita para preencher essa falha e mostrar, numa prestigiosa transmutação, como o universal pode chegar a se particularizar pela via da escansão da *Aufhebung*” (Lacan, 2005, p. 63).

Sejam quais forem os ganhos da dialética hegeliana para a subversão da ordem política e social da *Eclésia*, a Igreja, ela também se mostra falsa e foi contradita tanto pelas ciências da natureza quanto pelo progresso histórico da matemática como ciência fundamental.

É nesse ponto que Lacan busca recurso em Kierkegaard, para afirmar que “A angústia é para nós a prova de um hiante essencial que testemunha que a doutrina freudiana é aquela que permite seu esclarecimento” (Lacan, 1963, p. 6).

Os desenvolvimentos de Lacan a partir daí serão no sentido de esclarecer como dessa hiância deduz-se o objeto *a*, causa de desejo, e também se encontra a fonte da qual as religiões monoteístas retiram seu fundamento.

“Na angústia, o objeto *a* minúsculo cai. Essa queda é primitiva, a diversidade das formas que toma esse objeto da queda está numa certa relação com o modo sob o qual se apreende para o sujeito, o desejo do Outro” (Lacan, 1963, p. 9). E, nessa toada, Lacan faz uma exposição sucinta sobre as formas do objeto *a*, causa de desejo.

A partir de uma experiência de gozo mítica, a ilusão da saciedade, da completude, de fazer UM diante do desejo do Outro, a angústia, sinal da hiância na base do sujeito, é atualizada. O seio como uma via intermediária entre o bebê e a mãe, ao mesmo tempo que o bebê o incorpora para deixá-lo cair como objeto, representa algo do Outro que é inacessível e, com isso falta, causa desejo.

O objeto anal, Lacan (1963, p. 8) o nomeia de “fenomenologia da dádiva, do dom”. A experiência desse objeto acontece como algo cedido ao Outro, uma dádiva à demanda do Outro. Pode-se reconhecer aí o suporte da oblatividade como um gozo que visa ao desejo do Outro em detrimento de si mesmo, gerando ambiguidade. Com essa articulação, indica a fenda do sujeito barrado, em que Freud situa o hiante da castração que causa desejo, na medida em que o objeto assim cai.

Para além do álibi fálico, lembra que o orgasmo angustia, já que, nesse ato, o desejo é separado do gozo por uma falha central. Nesse ponto, toca no gozo da

mulher como aquilo que vai mais longe, impenetrável, que fica infinitamente de fora, enigma para o homem, que tenta enquadrar esse gozo como masoquista.

Acrescenta aí “a função do *a* minúsculo na pulsão escópica” (Lacan, 1963, p. 9) e diz que, “mais do que em qualquer outra parte, o sujeito está cativo à função do desejo” (Lacan, 1963, p. 9). É na pulsão escópica que o sujeito reconhece o estranho que percebe na imagem *i(a)* e que parece ter caído dele. O objeto *a* em sua versão de olhar faz sua imagem aparecer no Outro privada de seu olhar, no *Unheimeliche*, e o faz retornar ao nível de sua angústia mais basal, o próprio Aleph \aleph da angústia.

Lacan aborda a voz pela via da voz do Outro como objeto essencial. Do lugar dessa voz, o analista será chamado a falar; “pela voz, esse objeto saindo do órgão da palavra, o Outro, é o lugar onde isso fala” (Lacan, 1963, p. 11). E essa voz que vem do Outro é a voz do sujeito, que, a cada vez que fala, ouve-se falado. Não deixa de lembrar que “Fica claro que o Outro não poderia ser confundido com o sujeito que fala no lugar do Outro, mesmo que só fosse por sua voz, o Outro, se ele é o que eu digo, o lugar onde isso fala, não pode senão colocar um tipo de problema: o do sujeito prévio à questão” (Lacan, 1963, p. 12).

Lacan considera que é a partir dessa questão que Freud colocou o mito do pai no centro de sua doutrina e denuncia que, se haveria uma pane na teoria e na práxis da psicanálise naquele momento, essa estaria na falta de ousadia de ir além de Freud. Essa questão nos remete ao momento histórico em que esse seminário é pronunciado, em que Lacan está sendo acusado de desviar-se de Freud, ao tomar da teoria freudiana os fundamentos e querer avançá-los a partir do que aprende com sua práxis da psicanálise.

Para Lacan, é necessário colocar no nível do pai um segundo termo depois do totem, a função do nome próprio, como havia articulado em seu *Seminário 9 (A identificação)*.

Esse nome, colocado no nível do pai, institui-se como marca aberta à leitura, um significante que aguarda a leitura.

Ao estender sua investigação sobre o gozo, o desejo e o objeto, Lacan percorre as soluções do mito afirmando que Freud encontra no mito “um singular equilíbrio da Lei e do desejo” (Lacan, 2005, p. 75), por se apoiar na “suposição do gozo puro do pai como primordial” (Lacan, 1963, p. 13), e pergunta-se como isso gera as neuroses.

Encaminha a resposta a essa pergunta pela diferenciação entre a neurose e a perversão no que tange à posição assumida pelo sujeito diante do desejo do pai. Na perversão, tomando o desejo de Deus eterno ao pé da letra, o desejo do Outro incide sobre o sujeito, “petrificando sua angústia” (Lacan, 2005, p. 75). Já na neurose, observa-se uma “fuga diante do desejo do pai, o qual o sujeito substitui por sua demanda” (Lacan, 2005, p. 76).

Para Lacan, o Nome-do-Pai cria a função do pai como função. Como tal, essa função pode ser preenchida por muitos nomes, ao ligar significante e significado.

A função religiosa opera essa ligação conectando desejo e Lei, unindo o simbólico ao imaginário sob a presença constante do real.¹

Lacan afirma que o que marca o misticismo judaico, cristão, ou ainda a neurose, é a incidência do desejo de Deus. Introduce essa questão a partir do episódio da sarça ardente descrito no Êxodo, da *Bíblia*. Quando Deus diz a Moisés “Eu sou o que sou”, aponta seu lugar no Real, inacessível, inapreensível, já que não é possível lhe atribuir um nome. “Deus, isso se encontra no real, como todo real, é inacessível, isso se distingue por isso que não engana: a angústia” (Lacan, 1963, p. 15).

Na angústia, o objeto *a* cai, e essa queda é primitiva, marcada pela hiância essencial do ser. O sujeito que fala se funda, determina-se em um efeito significante, ao ser causado pelo desejo do Outro, e opera por meio do objeto *a*, causa de desejo.

Segundo Erik Porge (1998), a resposta de Deus “Eu sou o que sou” alimenta o mistério de um nome. Um Deus inacessível aparece como angústia. Não enunciar o nome de Deus é manter o enigma, a hiância aberta, a fenda do sujeito.

Ao analisar os dois quadros que Caravaggio pintou sobre o episódio de Abraão e Isaac, Lacan cita um rabino do século XI, *Salomon Ben Isaac*, conhecido como Rashi, que indica que, quando Abraão fica sabendo pelo anjo que não precisa imolar Isaac, decide ainda assim fazer um leve ferimento para ofertar a *Elohim*, dando origem à circuncisão como sinal da aliança do povo com o desejo de Deus: “Se é assim, eu vim aqui para nada; farei nele ao menos uma pequena ferida para comprazer-te *Elohim*” (Lacan, 1963, p. 18).

Lacan ainda aponta a presença de um cordeiro, nos quadros de Caravaggio, com o chifre arrancado. Aquele chifre do qual se faz o *shofar*, que Lacan havia citado no seminário sobre a angústia. Esse cordeiro, Lacan o indica como o representante de um ancestral animal representando aquele cujo nome é impronunciável.

Na finalização dessa aula, Lacan refere-se à interrupção de seu ensino que sustentou até então, citando a traição de alguns de seus “fiéis ouvintes” (Lacan, 1963, p. 19) e a confusão a que foram levados.

Afirma que apresentou suas ideias à medida que as avançava e encontrava sua densidade avançando a partir da práxis da psicanálise. E, mais do que isso, acentua que é pela via do engano que é possível conquistar a verdade pela práxis da psicanálise. “Pois a transferência não é outra coisa, a transferência como o que não tem Nome no lugar do Outro, inoperante” (Lacan, 1963, p. 20).

Também nos lembra que o passo prudente e progressivo de seu ensino nos protege do “declive onde a análise arrisca-se sempre a escorregar” (Lacan, 1963, p. 20) pela via da impostura.

1 Referência ao comentário de J.-A. Miller na contracapa da publicação (Lacan, 2005).

Referências bibliográficas

- Kierkegaard, S. A. (2010). *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes.
- Lacan, J. (1963). *Os nomes-do-pai*. Sessão de 20 de novembro de 1963. Edição bilingue. Recife: Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: os não-tolos erram*. Inédito.
- Lacan, J. (2005). *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Porge, E. (1998). *Os Nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022